

COMO É RICO O ECO DOS PERSONAGENS INTERNOS

ECOS

Ecos... cos... os... sssss.

Essa é a reverberação que consigo reproduzir na escrita da palavra que nomeia a coluna que acolhe minha reflexão. ECOS.

E percebo que o caminhar da reflexão é ir assumindo uma posição de pertencimento, o que ecoa permanece em mim e me prepara para o diálogo interno que amplia meu vocabulário emocional e teórico.

Ao buscar entender mais profundamente sobre a palavra encontro no dicionário, a definição: eco = na mitologia, ninfa grega cujo amor a Narciso a consumiu a ponto de não deixar senão a voz; na física repetição, mais ou menos clara de um som refletido por um corpo; bom acolhimento, simpatia; recordação, memória, vestígio (Michaelis, p. 760).

E eu vou escutando a mim mesma para encontrar os ecos da 47ª edição de nossa revista, e ecoa a palavra narrativa que identifica muito mais do que uma forma de comunicação, um jeito de estar na vida. Vou pensando que é de fato uma dança paradigmática que faz com que meus *Personagens Internos* (Lenzi, p. 86) se organizem para dialogar com o mundo usando a curiosidade como grande interlocutor. É a quebra da certeza para alicerçar a busca de compreensão. É o caminho para a liberação do vir a ser.

Podemos refletir sobre *Personagens internos*, nos apoiando na autora, Lenzi, (p.87), que define: “Não existem dentro da mente das pessoas, não conseguimos vê-los, nós os invocamos linguisticamente através da reflexão, dentro do diálogo. É necessário convidá-los para uma conversa a partir da imaginação dos nossos clientes, reunir e selecionar todos os aspectos que possamos perceber de suas circunstâncias atuais, em uma sequência ao longo do tempo, em uma *‘paisagem interior de possibilidades’ nos termos de Wittgenstein, como coloca Shotter (2010).*”

Quando ecoa em mim a primeira definição de ecos, à luz da mitologia, percebo que meu encantamento pela palavra narrativa vem da perspectiva de ter a criatividade e a espontaneidade como argumento em minha interlocução.

Nessa edição de nossa revista, outras palavras fazem eco: construcionismo social, contexto, significado, noção sociocultural da mente, mundos interpessoais e pessoais, *self* narrativo e por aí vão, com a característica libertadora que nos ajudam na construção do eu e do outro em nós.

Lenzi nos presenteia com um parágrafo que me ajuda a concluir esta reflexão: “O construcionismo social vem lançar seu olhar para a noção sociocultural da mente, segundo a qual o funcionamento mental tem origem nos processos sociais, ou seja, nas relações que estabelecemos entre as pessoas e, não nas mentes individuais. Assim os processos psicológicos são sociais e somente podemos compreendê-los se forem contextualizados e entendidos à luz da comunidade e das relações nas quais o sujeito está inserido (Lenzi p. 87).”

A autora prossegue com as palavras de Gergen “estar inserido em relações ocorrerá antes da individuação, à medida que o *self* é definido como um subproduto dos relacionamentos, envolto em um mundo de significados nos termos de Gergen”(1994).

ROSANA GALINA

Terapeuta de casal e família e psicodramatista.

Ao me apropriar dos conceitos referidos por Lenzi, lembro-me de que Bateson também dialoga com o conceito de contexto, significado, distinção, história e padrão de comunicação principalmente nos livros *Mente e Natureza* (1986) e *El temor de Los Angeles* (1994). Para exemplificar e dar um gostinho de quero mais, cito Bateson em *Mente e Natureza* (p. 23): “Contexto está ligado a outra noção indefinida chamada significado. Sem contexto, palavras e ações não têm qualquer significado. Isso é verdade não somente para a comunicação humana através das palavras, mas também para todos os tipos de comunicação, de todo processo mental, de toda mente, inclusive daquela que diz à anêmona do mar como crescer e à ameoba o que fazer a seguir.” Quando se fala que estar inserido em relações ocorrerá antes da individuação, penso imediatamente na unicidade da presença do bebê dentro da mamãe, ecos que sempre me ajudam no grande caminho associativo que é a construção de nós mesmos.

E isso ecoaaaaaa...

REFERÊNCIAS:

- Bateson, G. e M. C.** (1994). *El Temor de Los Angeles*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- Bateson, G.** (1979, 1986). *Mente e natureza: a unidade necessária*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Lenzi, T.P.** (2013). Personagens internos. *Nova Perspectiva Sistêmica*, XXI, 47, 86-98.
- Michaelis**, Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. (1998). São Paulo: Melhoramentos.